



II Simpósio de Pesquisa do Ecosistema Ânima:
Juntos pelo Conhecimento: um novo saber cria um novo amanhã

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NÃO ACADÊMICA NO LAZER PARA ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DO BRASIL E A RELAÇÃO COM A EMPATIA

Karoline Machado Vieira¹; Verônica Canarim de Menezes²;
Msc. Eliane Mazzuco Dos Santos (orientadora)³

- 1- Estudante de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul (karolmachado04@gmail.com)
- 2- Estudante de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul (vevemenezes@gmail.com)
- 3- Professora Mestre do Curso de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul (eliane.mazzuco@animaeducacao.com.br)

Resumo

A leitura não acadêmica parece ter um papel na formação de estudantes da saúde, ao reduzir o estresse ao mesmo tempo em que estimula a empatia e a criatividade. Assim, objetivou-se conhecer o valor que os acadêmicos de medicina atribuem à leitura de lazer e a relação com a empatia, através de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa, que foi realizado com 84 estudantes por meio de formulário eletrônico. Os resultados demonstraram a maioria dos estudantes sentiu que a leitura de lazer contribuiu no seu desenvolvimento como profissionais da saúde (58,3%) e no desenvolvimento da empatia (64,3%), e quem respondeu “sim” nessas perguntas obteve maior média na escala de empatia ($p= 0,010$ e $p= 0,016$, respectivamente). Nesse contexto, a implementação de programas de literatura nas universidades pode ser benéfica para a formação médica e uma ferramenta para preservar a empatia dos estudantes ao longo do curso.

Introdução:

A implementação de programas que interligam as artes e a academia já ocorre em universidades de ciências da saúde ao redor do mundo há algum tempo^{1,2,3,4}. Isto porque fazer da arte, incluindo a literatura, parte da educação do profissional de saúde tem o intuito de aprimorar o altruísmo, a empatia, a compaixão e o cuidado com os pacientes^{1,6}. Segundo Ahmadzadeh *et al.* (2019), o envolvimento emocional do estudante, estimulado pela arte, resulta em maior motivação e aproveitamento do aprendizado possibilitando um retardo no declínio da empatia ao longo do tempo^{4,5}. Assim, a exploração do campo artístico pode melhorar aspectos do profissionalismo, bem como aperfeiçoar a comunicação clínica, as habilidades de observação e desenvolver sua competência cultural^{1,6}.

Nesse contexto, alguns estudos apontaram que a leitura de ficção pode ter efeitos profundos nas habilidades empáticas do leitor^{7,8,9,10}. Além de propor que as pessoas que costumam ler muita ficção tornam-se mais empáticas, pois a ficção é uma simulação de experiências sociais, nas quais as



pessoas praticam e aprimoram suas habilidades entre pessoas^{7,11}. Como, de acordo com Davis^{12,13}, a empatia pode ser definida como a capacidade cognitiva e intelectual de reconhecer as emoções de outras pessoas e de responder emocionalmente a outras pessoas^{4,14}, incluindo simpatia e preocupação pelos desafortunados^{7,13}. Muitas vezes, o leitor acaba praticando a empatia ao ler uma história ficcional, já que o envolvimento emocional na história e a identificação com os personagens fazem com que o leitor simpatize com os personagens e talvez até mesmo experimente os acontecimentos da história como se o leitor experimentasse os eventos ele mesmo⁷.

Tendo isso em vista, em um estudo de Watson *et al* (2016), grande parte dos entrevistados afirmou que a leitura de lazer, não acadêmica, os ajudou em seu desenvolvimento como profissionais de saúde e aumentou sua empatia pelos outros. E listaram benefícios como: a melhor compreensão de grupos minoritários, a redução do estresse e a melhoria das habilidades de pensamento e comunicação⁶. Já na pesquisa de Marchalik *et al* (2019), a leitura de lazer mostrou-se um fator protetor ao Burnout em residentes de urologia, quando comparado àqueles que não têm os livros como hábito¹⁵. Por fim, em um estudo, de Collins *et al* (2017), estudantes de farmácia randomizados para uma intervenção de literatura de oito semanas demonstraram um aumento não estatisticamente significativo na empatia¹⁶.

Logo, a leitura não acadêmica parece ter um papel estabelecido no contexto da formação dos estudantes da área saúde, onde se pensa reduzir o estresse ao mesmo tempo em que estimula a empatia e a criatividade^{15,17}. Assim, essas descobertas contribuem para a defesa das ofertas curriculares institucionais para leitura não médica na educação médica, tanto na graduação, quanto nos programas de pós-graduação e residência¹⁵.

Contudo, apesar de a empatia ser indispensável na área da saúde e ter estudos mostrando a relação da literatura com essa capacidade cognitiva, há carência de mais pesquisas nessa área com os estudantes de medicina, a fim de investigar qual o valor esses acadêmicos atribuem a literatura não acadêmica. Logo, este estudo objetivou conhecer o valor que os acadêmicos de medicina atribuem à leitura de lazer e a relação com a empatia, a fim de possibilitar a discussão sobre a implementação da leitura não acadêmica como parte do currículo e unidades curriculares das universidades de medicina do Brasil.



Palavras-chave: Empatia; Livros; Estudantes de Medicina.

Métodos:

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa, que foi realizado em uma universidade do sul de Santa Catarina.

Inicialmente, o projeto foi submetido ao comitê de ética em pesquisa (CEP) da universidade, respeitando rigorosamente a portaria 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e teve sua aprovação em outubro de 2022 com o parecer de número 5.687.007.

Assim, após a aprovação do CEP, entre novembro e dezembro de 2022, para obter os dados, os pesquisadores disponibilizaram via internet (através dos grupos das turmas em um aplicativo de conversas popular), um link de um formulário previamente construído a todos os alunos matriculados no curso de medicina, do 2º ao 12º período (no período da pesquisa não havia 1º e 3º semestre por conta da mudança do currículo), da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul (Campus Tubarão) convidando-os para participar da pesquisa.

A amostra foi definida por conveniência, conforme disponibilidade e interesse dos alunos em participar da pesquisa, obedecendo aos seguintes critérios de inclusão: idade superior a 18 anos, estar devidamente matriculado no curso de medicina e participar das atividades acadêmicas com regularidade durante o período de coleta de dados. Como critério de exclusão foi estabelecido aqueles que deixaram o instrumento validado sobre empatia totalmente em branco. Assim, dos 512 alunos, aproximadamente, que receberam o formulário, 84 responderam, não sendo excluído nenhum participante após a verificação dos critérios de inclusão e exclusão.

Esse formulário eletrônico foi criado através do *Google Forms* e continha informações sobre a pesquisa, os objetivos do estudo e só a partir da concordância do discente no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no início do *Forms*, que era uma pergunta obrigatória, ocorreu a coleta de dados.

O formulário eletrônico continha dois instrumentos de coleta de dados, o primeiro foi um questionário semiestruturado, elaborado pelos próprios pesquisadores com base na pesquisa realizada por Watson *et al* (2016)⁶, contendo questões do tipo abertas e fechadas, com dados relacionados ao perfil sociodemográfico (idade e sexo), da graduação (período do curso) e dados referentes ao hábito de leitura (quanto tempo de leitura não acadêmica na última semana; quantidade de livros lidos no último mês e nos últimos 6 meses; qual formato mais usado para realizar essa



leitura; você gostaria de passar mais tempo lendo; o que impede de ler mais; já leu um livro que teve um impacto significativo; já leu um livro que o ajudou a desenvolver empatia pelos outros; acha que a leitura de ficção o ajudou a se tornar um melhor profissional de saúde; entre outras). E o segundo instrumento foi a escala validada de empatia (*Jefferson Scale of Physician Empathy* - versão para estudantes) a fim de comparar as respostas daqueles que responderam sim à pergunta “*Você acha que a leitura de ficção o ajudou a se tornar um melhor profissional de saúde, mais empático?*” com os que responderam não ou não sei¹⁸.

Por fim, os dados obtidos na pesquisa de cada participante foram organizados na planilha de Banco de Dados montada no software *Microsoft Excel* e analisados a partir software *Jamovi*, versão 2.2.5, de livre acesso¹⁹. As variáveis quantitativas foram descritas por meio de medidas de tendência central e dispersão dos dados. As variáveis qualitativas foram descritas por meio de frequência absoluta e percentual. As diferenças nas médias foram testadas pelo *teste t de Student*, conforme adequação dos dados. O nível de significância estatística adotado será de 5% (valor de $p < 0,05$). O software que auxiliou na análise qualitativa descritiva foi o *MAXQDA2022*, usado pelos autores para codificar respostas a perguntas abertas e identificar temas emergentes, além do *Google Docs* para a organização desses dados²⁰.

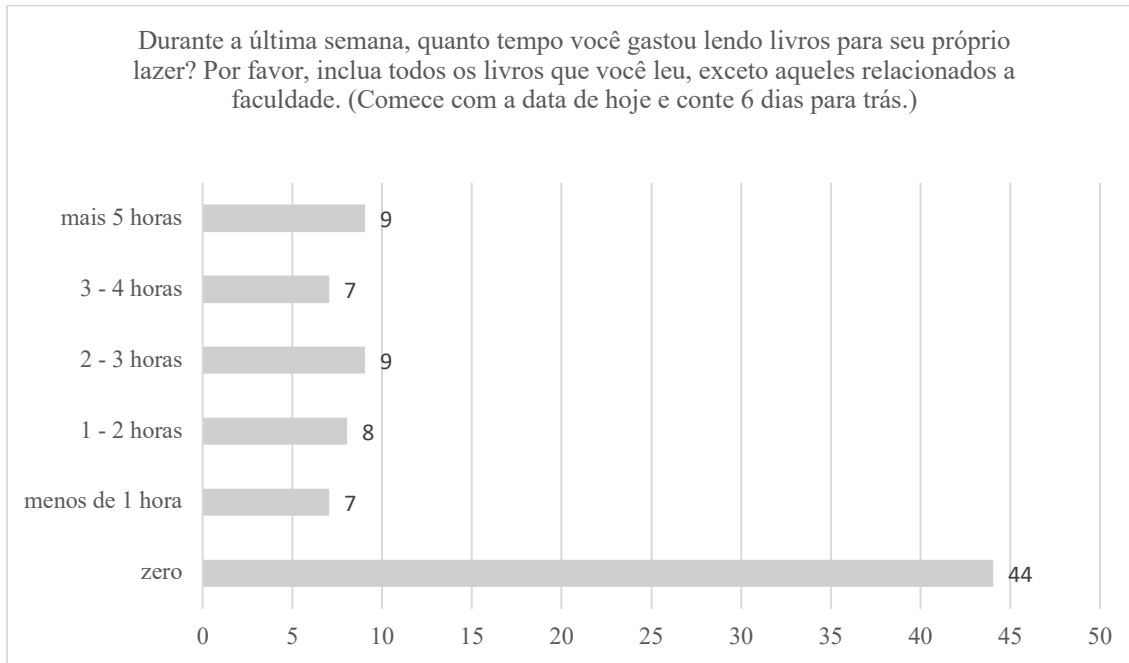
Resultados e Discussões:

A pesquisa foi enviada para 512 estudantes, aproximadamente, e destes, 84 responderam (taxa de resposta de 16,4%). Algumas perguntas eram obrigatórias, mas outras não, assim, o número de respostas variou de pergunta para pergunta.

Quanto aos aspectos sociodemográficos, dos 84 que responderam, houve predominância do sexo feminino, de 65 (77,4%) mulheres para 19 (22,6%) homens. Quanto a idade dos participantes, mais da metade dos participantes tinha entre 18 e 24 anos (51; 60,7%). Em relação ao período do curso, a maioria dos estudantes estava entre o primeiro e o quarto ano do curso (64; 76,2%), ou seja, entre o 2º e 8º semestre.

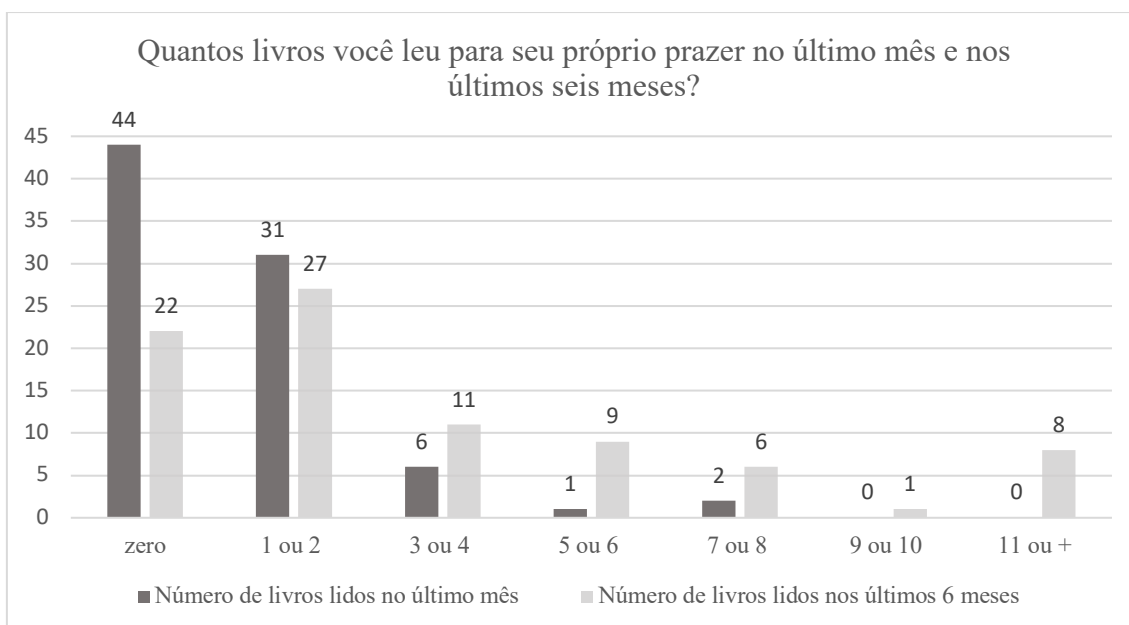
Sobre as leituras não acadêmicas, a maioria dos alunos (44; 52,4%) não passou nenhum tempo lendo um livro para seu próprio prazer na semana anterior a pesquisa (Figura 1) e 33 (39,3%) gastaram mais de 1 hora.

Figura 1. Tempo gasto lendo livros na última semana, por número de alunos.



No mês anterior, 44 (52,4%) não leram nenhum livro no mês anterior (Figura 2), enquanto 31 (36,9%) estudantes leram de 1 a 2 nesse período. Nos últimos 6 meses, 8 (9,5%) leram 11 ou mais livros.

Figura 2. Número de livros lidos no mês anterior e nos seis meses anteriores

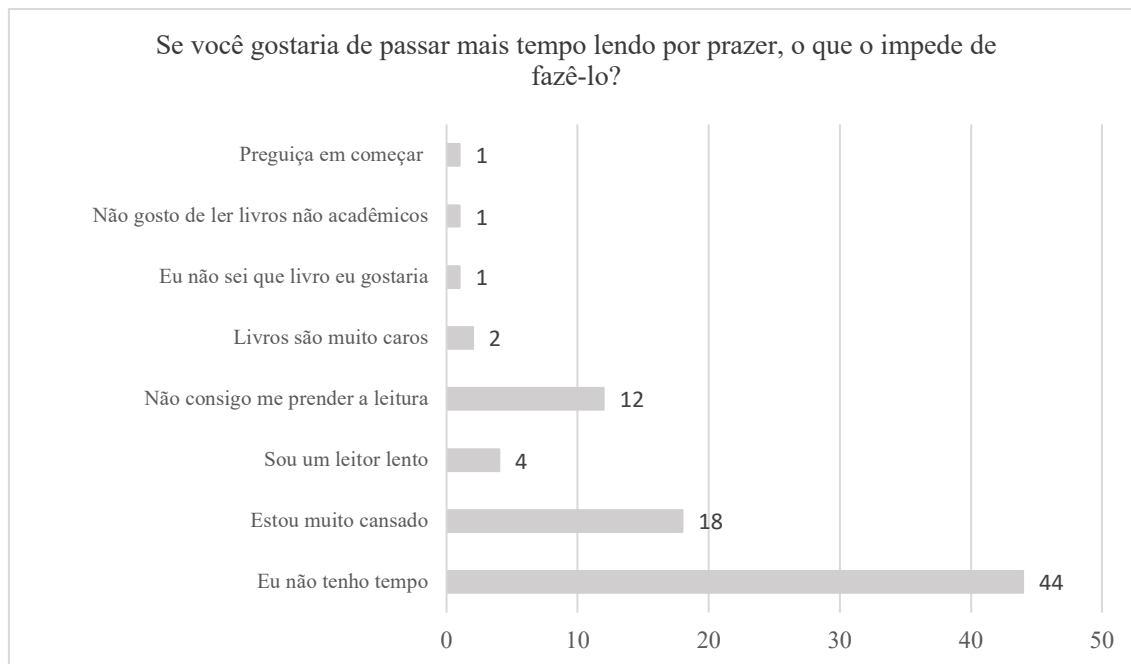




Quanto ao formato, a maioria (52; 61,9%) dos entrevistados prefere ler livros impressos (físicos) e apenas 13 (15,5%) preferiram ler e-books (livro eletrônico), enquanto os restantes (19; 22,6%) escolheram 'sem preferência/depende'.

Em relação as barreiras para manter o hábito da leitura (Figura 3), a falta de tempo foi a razão mais comum para os estudantes de medicina não conseguirem ler mais livros para o lazer (44; 52,4%) e o cansaço foi a maior dificuldade para 18 (21,4%) dos acadêmicos.

Figura 3. Barreiras à leitura de lazer, por número de entrevistados.



Quanto aos possíveis benefícios da leitura no lazer (ficção ou não-ficção), para 73 (88%) dos estudantes os livros contribuem para a criatividade e para 69 (82,1%) eles contribuem para a diminuição do estresse.

Quanto a leitura de um livro que teve um impacto significativo, 63 (75%) dos estudantes responderam que leram um livro assim. Ademais, os acadêmicos foram convidados a dar o título do livro e explicar o efeito que teve. Os títulos listados mais de uma vez são mostrados na Tabela 1.



Tabela 1. Livros identificados por mais de um entrevistado como tendo um impacto significativo sobre eles.

Livro	Autor	Nº de vezes mencionado
A Morte É Um Dia Que Vale A Pena Viver	Ana Claudia Quintana Arantes	3
Flores Para Algernon	Daniel Keyes	3
É Assim Que Acaba	Colleen Hoover	3
Capitães da Areia	Jorge Amado	2
O Alquimista	Paulo Coelho	2
Quarto de Despejo	Carolina Maria de Jesus	2

No que se refere a leitura de livros e desenvolvimento da empatia, mais da metade dos alunos (54; 64,3%) sentiram que a leitura de livros os ajudou a desenvolver empatia e 30 (35,7%) acreditavam que não os auxiliou nessa habilidade cognitiva.

Além disso, os alunos foram convidados a listar UM livro que eles sentiram que os ajudou a sentir empatia e explicar como ou por quê. Os títulos listados mais de uma vez são mostrados na Tabela 2.

Tabela 2. Livros identificados por mais de um entrevistado como inspiradores de empatia.

Livro	Autor	Nº de vezes mencionado
A Morte É Um Dia Que Vale A Pena Viver	Ana Claudia Quintana Arantes	3
Bíblia	-	3
Histórias Lindas De Morrer	Ana Claudia Quintana Arantes	2
Quarto De Despejo	Carolina Maria de Jesus	2
Evangelho Segundo Espiritismo	Allan Kardec	2
Extraordinário	R. J. Palacio	2
Pacientes Que Curam	Julia Rocha	2

Aqueles que responderam afirmativamente sentiram que a leitura de livros os ajudou a desenvolver empatia, explicaram como o livro contribuiu:



“A morte é um dia que vale a pena viver; acho que a gente não tem noção do quanto podemos fazer a diferença na vida dos outros e esse livro traz muita carga de entrega, empatia e, sobretudo compaixão.”

“Extraordinário - um livro com uma história edificante, repleta de amor e esperança, em que um grupo de pessoas luta para espalhar compaixão, aceitação e gentileza. Uma história rara, com o poder de abrir nossos olhos – e o coração – para que é ser diferente por algo que está além do seu controle, enquanto tudo o que você quer é ser mais um na multidão. Um livro de gentileza, coragem e maravilhamento. Que me fez abrir os olhos para julgar menos, apoiar mais, me colocar no lugar do outro e ser empática e solidária.”

“Acho que quando vivemos a experiências, mesmo através de histórias, conseguimos nos colocar no lugar daquela pessoa diante de situações específicas, e isso nos faz pensar sobre algumas coisas de uma outra maneira, de mente mais aberta, sem julgamentos, e com certeza com mais empatia. E daí isso acaba se aplicando na vida real.”

“O futuro da humanidade do Augusto Cury foi uma leitura incrível ao entrar na faculdade, pois ajudou a ver a medicina por outros olhos, com mais empatia e cuidado com as pessoas, seus jeitos e crenças”

Acerca dos benefícios da leitura de ficção para o desenvolvimento como profissionais de saúde, dos 84 entrevistados 49 (58,3%) acharam que a leitura de ficção ajudou em seu desenvolvimento como profissionais de saúde, enquanto 35 (41,7%) discordaram. Os estudantes foram convidados a explicar como os livros fazem isso.

Dezessete (20,2%) sentiram que a leitura de ficção lhes proporcionava diferentes perspectivas ou os ajudava a vivenciar situações que desconheciam, diferentes pontos de vista, outras realidades e culturas.

"Em geral, livros de ficção descrevem um cenário e uma cultura específica e fazem com que o leitor se sinta inserido, assim aprendendo a lidar com uma realidade diferente, observar diferentes pontos de vista, desenvolver empatia..."

Sete entrevistados (8,3%) sentiram que melhorou o equilíbrio entre vida pessoal e profissional ou proporcionou alívio do estresse.



"A escolha da profissão "medicina" é uma etapa da vida. Acima disso, existe o ser que vive, que tem problemas, que fica doente. Não podemos viver numa redoma e esquecer da vida fora. E acredito que a leitura além dos livros acadêmicos, possa contribuir com isso."

Sete alunos (8,3%) citaram que a leitura de ficção contribuiu para as habilidades de criatividade e de imaginação.

"Leitura abre o espaço para imaginação, para o pensamento fora do comum, profissionais da saúde em alguns momentos precisaram disso, nem tudo é exclusivamente fato, ou racional."

"Ajuda a desenvolver melhor a criatividade e, como consequência, a empatia. Além de demonstrar várias lições no meio dos enredos, mostrando que mesmo em mundos fantásticos, continuamos errando e necessitando de ajuda uns dos outros."

Ao final da primeira parte do formulário, os alunos foram convidados a listar até 10 livros que leram para seu próprio prazer e que achavam que outros alunos apreciariam ou se beneficiariam com a leitura. Os títulos mais recomendados pelos respondentes estão listados na Tabela 3.

Tabela 3. Os 15 principais livros que os alunos recomendariam a outras pessoas.

Livro	Autor	Nº de vezes mencionado
A Morte É Um Dia Que Vale A Pena Viver	Ana Claudia Quintana Arantes	4
Histórias Lindas De Morrer	Ana Claudia Quintana Arantes	4
O Alquimista	Paulo Coelho	3
Holocausto Brasileiro	Daniela Arbex	2
Pacientes Que Curam	Julia Rocha	2
Os Sete Maridos De Evelyn Hugo	Taylor Jenkins Reid	2
A Menina Que Roubava Livros	Markus Zusak	2
Memórias Póstumas De Brás Cubas	Machado de Assis	2
Uma Vida Pequena	Hanya Yanagihara	2
A Revolução Dos Bichos	George Orwell	2
A Arte Da Guerra	Sun Tzu	2
É Assim Que Acaba	Colleen Hoover	2
Orgulho E Preconceito	Jane Austen	2
O Segredo	Rhonda Byrne	2



Ao avaliar a empatia com a escala de empatia de Jefferson (adaptada para estudantes), foram mensurados os escores global e por fator. No conjunto de todos os participantes do estudo ($n = 84$), os escores ficaram assim: global ($120 \pm 12,6$); CC ($70,3 \pm 9,66$); CCLP ($8,31 \pm 2,99$); e TP ($41,2 \pm 5,26$).

Foi observada uma diferença significativa na pontuação média da JSPE-vs com relação a pergunta “Algumas pessoas acham que a leitura de ficção pode ser benéfica para a formação de estudantes para serem profissionais de saúde; por exemplo, que pode ajudar os alunos a aprender sobre outras culturas ou a se tornarem melhores ouvintes. Você acha que a leitura de ficção o ajudou a se tornar um melhor profissional/estudante da saúde?”, aqueles que responderam sim apresentaram uma média maior ($p=0,010$). Contudo, quando avaliado cada fator isolado (CC, CCLP e TP) não houve significância estatística.

Além disso, foi analisado uma diferença significativa na pontuação média da JSPE-vs com relação a pergunta “Você sente que ler livros o ajudou a desenvolver empatia pelos outros?”, aqueles que responderam sim apresentaram uma média de 125 e quem respondeu não 111 ($p=0,001$). Assim, foi visto diferença significativa na pontuação média da JSPE-vs e nos scores independentes de CC ($p<0,001$) e CCLP ($p=0,016$), mas não no TP.

Nesta pesquisa houve predomínio de acadêmicos de medicina de menor faixa-etária entre 18 e 24 anos e do sexo feminino, coincidindo com outros dois envolvendo acadêmicos da área saúde e leitura^{6,21}. Isso pode ser explicado pelo fato de que há um crescimento da população feminina nas universidades de medicina, pois há um processo de feminilização da profissão^{22,23}, além do fato que as mulheres serem as maiores consumidoras de livros no Brasil e a população mais jovem também, conforme demonstrou a pesquisa Retratos da leitura no Brasil de 2019²⁴, o que pode ter justificado maior taxa de resposta nesse grupo.

Quanto ao tempo gasto lendo livros na última semana, a maioria não passou nenhum tempo lendo, diferente do estudo de Watson *et al* (2016), em que grande parte passou algum tempo dedicado a leitura⁶. É sabido há décadas que os estudantes de medicina têm dificuldade de dispor de tempo livre para outras atividades, sociais e culturais podendo justificar esse resultado no estudo^{25,26}. Tendo isso



em vista, quando questionados sobre as principais barreiras para manter o hábito da leitura, justamente a falta de tempo foi o principal motivo coincidindo com outros estudos internacionais envolvendo estudantes da saúde^{6,27}.

Em relação aos possíveis benefícios da leitura, a maioria neste estudo concordou que os livros podem ser úteis para a criatividade e a diminuição do estresse, indo ao encontro com o estudo norte-americano que demonstrou que a leitura foi um fator protetor para o *burnout*¹⁵. Na seção destinada a comentários abertos, alguns estudantes também falaram sobre criatividade, imaginação e diminuição do estresse atribuída a leitura, assim como no estudo de Watson *et al* (2016)⁶.

Quanto a empatia, esta habilidade cognitiva fundamental para os profissionais da saúde, que tange a capacidade de se colocar no lugar do outro^{12,13,22}, em uma revisão integrativa da literatura de Fontana *et al* (2019), a maioria dos artigos analisados apresentarem redução no nível de empatia entre os acadêmicos de medicina, ou seja, há uma “erosão da empatia” durante o ciclo clínico²⁸. Mas, alguns trouxeram melhora significativa da empatia devido a um currículo que privilegia também a formação humanística desses futuros profissionais^{22,28}. Nesse sentido, a literatura poderia entrar como uma ferramenta de humanização dos acadêmicos por ter efeitos profundos nas habilidades empáticas do leitor^{9,10,16}.

Assim, quando questionados sobre os livros e o desenvolvimento da empatia, a maioria dos estudantes de medicina respondeu que a leitura os ajudou a desenvolver essa habilidade cognitiva, concordando com estudos que afirmam os livros podem ter efeitos profundos nas habilidades empáticas do leitor, principalmente os de ficção, pois a ficção é uma simulação de experiências sociais, nas quais as pessoas praticam e aprimoram suas habilidades interpessoais^{6,7,9,11}.

Nesse mesmo contexto, ao serem perguntados se leitura de ficção os ajudou em seu desenvolvimento como profissionais de saúde, a maioria dos estudantes também respondeu que os livros contribuíram para isso, citando na seção aberta que sentiram que a leitura de ficção lhes proporcionava diferentes perspectivas e pontos de vistas, semelhante ao que demonstrou o estudo de Watson *et al* (2016)⁶. Assim, quando analisado as respostas a essa pergunta e as médias na *escala de empatia de Jefferson (adaptada para estudantes)*, foi observado uma média maior na escala para quem respondeu “sim” quando comparado a quem respondeu “não”, com resultado estatisticamente significativo. Isso pode estar relacionado ao fato que os livros podem ter efeitos significativos nas habilidades de empatia do leitor, contribuindo para a formação de futuros profissionais da saúde conforme tentou



demonstrar o estudo de intervenção com livros ficcionais de Collins *et al* (2016)¹⁶, mas, sem demonstrar significância estatística.

Além disso, ao analisar também as médias da a pergunta “Você sente que ler livros o ajudou a desenvolver empatia pelos outros?”, também se obteve uma média de pontuação maior para quem respondeu “sim” na escala de empatia, quando comparado a quem responde “não”, com significância. Demonstrando que a leitura de livros de forma geral pode ter um papel importante na formação dos acadêmicos da área da saúde e no desenvolvimento da empatia, ao colocar os estudantes em contato com outras realidades e culturas, conforme citaram os estudos de DMani, SS (2008) e Watson *et al* (2016)^{2,6}.

Contudo, uma vez que a empatia é moldada por inúmeras variáveis, as características inerentes ao indivíduo e as externas a ele, que podem interferir positiva e negativamente na expressão da sua capacidade de empatia perante os outros^{22,28}, são necessários mais estudos que avaliem essa capacidade cognitiva e a se a leitura influencia realmente no seu desenvolvimento e aprimoramento. Uma limitação do presente estudo é que a amostra foi definida por conveniência e via formulário eletrônico, só participando da pesquisa aqueles que se interessaram pelo tema, o que deixou a amostra pequena, não sendo possível generalizar estes resultados. Nesse mesmo contexto, conhecendo a população em estudo e a dificuldade de se obter respostas, o questionário semiestruturado que foi baseado nas perguntas do estudo de Watson *et al* (2016)⁶, também teve que ser adaptado para um tamanho menor, deixando de lado perguntas que poderiam ser importantes para uma análise mais ampla dos hábitos de leitura. A falta de estudos recentes que relacionem empatia e literatura também limita o estudo, uma vez que as comparações são feitas com artigos antigos e escassos.

Logo, é essencial pesquisas adicionais a fim de oportunizar a reflexão e implementação de intervenções que promovam um estudo mais detalhado da relação da literatura com a empatia em estudantes de medicina. Isso porque a presença dos livros na rotina dos acadêmicos parece trazer benefícios para a formação médica, contribuindo com a ideia de que trazer as artes, incluindo a literatura, para a medicina pode promover o aprimoramento do altruísmo, da empatia e em consequência do cuidado com os pacientes ao construir profissionais mais humanos durante a graduação médica.



Conclusões:

A leitura de lazer/não acadêmica neste estudo foi citada como ferramenta para a criatividade, diminuição do estresse e desenvolvimento da empatia, proporcionando benefícios pessoais e profissionais aos estudantes. E análise das respostas sobre empatia e desenvolvimento profissional com a pontuação média da JSPE-vs mostra ainda, que a implementação de programas de literatura nas universidades pode ser benéfica por ter efeitos profundos nas habilidades empáticas do leitor, podendo ser uma ferramenta para manter os níveis de empatia dos estudantes ao longo de todo o curso. Nesse contexto, são necessários estudos mais aprofundados e de intervenção para generalizar este resultado.

Referências:

- 1.Shapiro, J et al. Can Poetry Make Better Doctors? Teaching the Humanities and Arts to Medical Students and Residents at the University of California, Irvine, College of Medicine. Academic Medicine, [S.L.],2003. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/00001888-200310000-00002>.
- 2.Dmani, S s. Literary appreciation for medical students at International Medical University, Kuala Lumpur: the learner's experience. Medical Humanities, [S.L.], 2008. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/jmh.2008.000018>.
- 3.Catarucci, F M et al. Empatia em estudantes de Medicina: efeitos de um programa de gerenciamento do estresse. Revista Brasileira de Educação Médica, [S.L.], 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20210290>.
- 4.Moura EP et al. Estratégias atuais utilizadas para o ensino da empatia na graduação médica: revisão sistemática. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2021;13(2):e6374
- 5.Ahmadzadeh A, et al. Does watching a movie improve empathy? A cluster randomized controlled trial. Can Med Educ J. Canada, 2019; 10(4):4-12. <https://doi.org/10.36834/cmej.56979>.
- 6.Watson, E M. The importance of leisure reading to health sciences students: results of a survey. Health Information & Libraries Journal, [S.L.], 2015. Wiley.<http://dx.doi.org/10.1111/hir.12129> .
- 7.Bal PM, Veltkamp M (2013) How Does Fiction Reading Influence Empathy? An Experimental Investigation on the Role of Emotional Transportation. PLOS ONE 8(1): e55341.<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0055341>



8. Mar RA et al (2006) Bookworms versus nerds: exposure to fiction versus non-fiction, divergent associations with social ability, and the simulation of fictional social worlds. *J Res Pers* 40: 694–712. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.08.002>
9. Mar, RA et al. Exploring the link between reading fiction and empathy: Ruling out individual differences and examining outcomes, vol. 34, no. 4, 2009, pp. 407-428. <https://doi.org/10.1515/COMM.2009.025>.
10. Mar, RA et al (2011). Emotion and narrative fiction: Interactive influences before, during, and after reading. *Cognition & emotion*, 25(5), 818–833. <https://doi.org/10.1080/02699931.2010.515151>
11. Oatley K (2002) Emotions and the story world of fiction. In Green MC, Strange JJ, Brock TC, editors. *Narrative Impact. Social and Cognitive Foundations*. https://www.researchgate.net/publication/313769739_Emotions_and_the_Story_Worlds_of_Fiction
12. Davis MH (1980) A multidimensional approach to individual differences in empathy. *Catalog of ed Documents in Psychology* 10: 85–99. https://www.uv.es/~friasnav/Davis_1980.pdf
13. Davis MH (1983). Medindo as diferenças individuais na empatia: Evidências para uma abordagem multidimensional. *Journal of Personality and Social Psychology*. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
14. Gerdes KE, Segal EA, Lietz CA, Conceptualising and Measuring Empathy, *The British Journal of Social Work*, Volume 40, Edição 7, 2010, Páginas 2326–2343, <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcq04>
15. Marchalik, D et al. Resident burnout in USA and European urology residents: an international concern. *Bju International*, [S.L.], 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/bju.14774>.
16. Collins KL et al. Impact of a fictional reading intervention on empathy development in student pharmacists, *Currents in Pharmacy Teaching and Learning*, 2017, ISSN 1877-1297, <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2016.12.003>.
17. Cotta Filho, C K et al. Cultura, ensino e aprendizagem da empatia na educação médica scoping review. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, [S.L.], 2020. FapUNIFESP(SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180567>.



18. Hojat, M. et al(2001). The Jefferson Scale of Physician Empathy: Development and preliminary psychometric data. Educational and Psychological Measurement <https://doi.org/10.1177/00131640121971158>
19. The jamovi project (2022). jamovi. (Version 2.3) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.
20. Software VERBI. MAXQDA 2022 [software de computador]. Berlin, Germany: VERBI Software, 2023. Disponível em: maxqda.com.
21. Arruda, E. N. T. et. al. Análise do hábito de leitura de graduandos do curso de Enfermagem de uma universidade privada de São Paulo. J Health Sci Inst. v. 30, n. 4, p. 359-64, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/V30_n4_2012_p359a364.pdf> Acesso em: 23/04/2021
22. Pachêco, C. S. G., & Costa, A. C. S. (2022). Empatia em estudantes de Medicina: análise em função do período da graduação e perfil sociodemográfico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 46(3), e107. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.3-2021043>
23. Gosling FJ, Bellodi PL. Alterações de rota na medicina - reescolhendo a especialidade médica. *Saúde Soc.* 2021;30(4):e200677. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200677>
24. Failla, Z (org.). Retratos da leitura no Brasil 5. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2019. <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>
25. Giaxa, R (2015). Tipos Psicológicos e Empatia: Contribuições da Psicologia para a Formação do (ser) Médico./Psychological Types and Empathy: Contributions of Psychology on (being) Physician Formation.. 10.13140/RG.2.2.12653.64487.
26. Rosa, André & Bubniak, Cláudio & Silva, Gerson Luis Da & Koya, Richard & Camillo, José & Rosa, Roger. (1993). O Estudante de Medicina e sua Dificuldade de Dispor de Tempo Livre para a Prática de Atividades Culturais Extra-Acadêmicas. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 17. 28. 10.1590/1981-5271v17.1-005.
27. Hodgson, K. & Thomson, R. O que os estudantes de medicina leem e por quê? Uma pesquisa com estudantes de medicina em Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra. *Educação Médica* 2000, 34 , 622 – 629 .



28. Fontana NS, Vilela AAF, Ribeiro AA, Ferreira VC, Peres GM, Macedo MR, et al. Estudo das variáveis que contribuem para o nível de empatia nos acadêmicos de medicina. BJHBS. 2020;19(1):57-62. doi: <https://doi.org/10.12957/bjhbs.2020.53532>

Fomento: PRÓ-CIÊNCIA 2022/2 - Ecosistema Ânima.